

CURTAS URBANOS: DEBATENDO QUESTÕES URBANAS ATRAVÉS DO AUDIOVISUAL

CURTAS URBANOS: DEBATIENDO CUESTIONES URBANAS A TRAVÉS DEL AUDIOVISUAL

URBAN SHORT-FILMS: DEBATING URBAN ISSUES THROUGH AUDIOVISUAL

BRASIL, AMÍRIA BEZERRA

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora do Departamento de Arquitetura da UFRN, amiriabrasil@gmail.com

PEREIRA, JAYNE LUCAS

Arquiteta e Urbanista, jayne.lp@gmail.com

GIANVENUTI, ELISA

Estudante de Arquitetura e Urbanismo da UFRN, elisa102gianvenuti@gmail.com

MELO, NATHÁLIA AZEVEDO

Estudante de Arquitetura e Urbanismo da UFRN, nathaliaazmelo@gmail.com

RESUMO

O artigo aborda a contribuição do audiovisual na esfera de ensino de Arquitetura e Urbanismo através do projeto de extensão Curtas Urbanos, que promoveu eventos de exibição de curtas-metragens com temáticas relacionadas aos estudos urbanos. Nesse sentido, foi realizada uma investigação teórica a respeito da relevância do audiovisual como instrumento de representação de processos urbanos a partir de autores como Nichols (2005), Olivieri (2007) e Tavares (2017). Em seguida, foram sistematizados os conteúdos das obras exibidas e as temáticas discutidas em cada sessão. Por fim, foi avaliado o impacto do evento no âmbito acadêmico a partir das percepções e opiniões do público, levando em conta suas repercussões em pesquisas e outros eventos da universidade. Assim, se identificou o valor do audiovisual como uma potente ferramenta para levantar reflexões e soluções a respeito de problemáticas urbanas, apresentando contextos desconhecidos ao meio acadêmico em seus moldes convencionais.

PALAVRAS-CHAVE: extensão universitária, audiovisual, estudos urbanos.

RESUMEN

El artículo aborda la contribución del audiovisual en la esfera de enseñanza de Arquitectura y Urbanismo a través del proyecto de extensión Curtas Urbanos, que promovió eventos de exhibición de cortometrajes con temáticas relacionadas a los estudios urbanos. En este sentido, se realizó una investigación teórica acerca de la relevancia del audiovisual como instrumento de representación de procesos urbanos a partir de autores como Nichols (2005), Olivieri (2007) y Tavares (2017). A continuación, se sistematizaron los contenidos de las obras exhibidas y las temáticas discutidas en cada sesión. Por último, se evaluó el impacto del evento en el ámbito académico a partir de las percepciones y opiniones del público, teniendo en cuenta sus repercusiones en investigaciones y otros eventos de la universidad. Así, se identificó el valor del audiovisual como una potente herramienta para levantar reflexiones y cuestionamientos acerca de cuestiones urbanas, presentando contextos desconocidos al medio académico en sus moldes convencionales.

PALABRAS CLAVES: proyecto de extensión universitaria, audiovisual, estudios urbanos.

ABSTRACT

The article discusses the contribution of audiovisual in the sphere of Architecture and Urbanism teaching through the Curtas Urbanos extension project, which promoted short films exhibition events, with themes related to the urban studies. In this sense, a theoretical investigation was carried out regarding the relevance of the audiovisual as an instrument of representation of urban processes from authors such as Nichols (2005), Olivieri (2007) and Tavares (2017). Afterwards, the contents of the exhibited works and the themes discussed in each session were systematized. Finally, the impact of the event in the academic field was evaluated based on public perceptions and opinions, taking into account its repercussions on research and other university events. Thus, it was identified the value of the audiovisual as a powerful tool to raise reflections and solutions about urban issues, presenting contexts unknown to the academic environment in its conventional forms.

KEYWORDS: university extension project, audiovisual, urban studies.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Curtas Urbanos foi uma iniciativa estudantil, criada com o intuito de promover a exibição de curtas-metragens que abordam perspectivas relativas aos estudos urbanos, tais como direito à cidade, direito à moradia, vulnerabilidades socioambientais, patrimônio, entre outros temas importantes na atuação do Arquiteto e Urbanista. A ação constituiu-se da realização de eventos para exibição de curtas ao decorrer do ano de 2018. Cada um dos encontros foi centrado num tema específico, com um ou dois curtas que se relacionavam dentro do eixo temático. A criação do projeto foi motivada pela aproximação com o universo do audiovisual da então estudante de Arquitetura e Urbanismo, Jayne Pereira, a qual teve experiências de produção de documentários independentes durante a graduação. O projeto contou com o apoio da Coordenação do curso e do Departamento de Arquitetura, assim como do Centro Acadêmico e do Coletivo Mandinga Audiovisual, bem como, em alguns eventos específicos, do grupo Vozes da Cidade e do Fórum de Direito à Cidade. Os curtas foram selecionados previamente, e em cada encontro foram convidados os realizadores dos filmes, assim como professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, além de convidados especiais para fomentar o debate de acordo com a temática. Cabe enfatizar que as produções selecionadas foram realizadas pelos diretores com atenção à perspectiva das questões urbanas. Ao todo foram sete edições, contemplando nove curtas-metragens.

Este artigo aborda a contribuição do evento, através da exibição de mídias audiovisuais como ferramenta de percepção e discussão de processos urbanos. Sendo assim, objetiva-se apresentar o potencial do audiovisual e a sua relevância, na esfera do ensino de Arquitetura e Urbanismo, através desta série de eventos na exposição de problemáticas urbanas. Tendo por fim relacionar os conteúdos das obras exibidas com as temáticas discutidas em cada sessão e avaliar o impacto do evento no âmbito acadêmico, a partir das percepções e opiniões do público, assim como pesquisas e eventos correlatos do Departamento de Arquitetura da UFRN. A respeito da apreensão da percepção e opinião do público, após o encerramento do ciclo de eventos Curtas Urbanos, foi elaborado um questionário *online* direcionado aos participantes dos eventos. No questionário foram abordadas as seguintes questões: “O que mais chamou atenção no(s) filme(s) que assistiu?”, “O que achou interessante no(s) debate(s)?” e “Na sua percepção, como a proposta dos eventos contribui para a transformação da consciência urbana e social?”, a fim de coletar as impressões subjetivas da audiência.

A elaboração deste artigo baseou-se, primeiramente, numa investigação teórica acerca do potencial do audiovisual no fomento a discussões relativas ao contexto urbano, a partir da representação e registro de realidades urbanas, de modo a amparar a organização e apresentação dos eventos realizados no projeto Curtas Urbanos. Este aporte teórico foi orientado pelas contribuições de Bill Nichols (2005) acerca da Antropologia Visual, de Silvana Olivieri (2007) e de Frederico Luna Tavares (2017) sobre a representação de temas urbanos no audiovisual e especialmente no gênero documentário. Em seguida, foi realizada uma sistematização das discussões realizadas a partir da exibição dos filmes da mostra, assim como das respostas do questionário citado anteriormente. Portanto, o trabalho está dividido em duas partes: a primeira traz o aporte teórico do olhar do cinema, e principalmente do documentário, sobre a cidade, assim como as possibilidades de utilização do audiovisual como instrumento de discussão de fenômenos urbanos. E a segunda, apresentando a Mostra, a qual está estruturada na apresentação dos curtas exibidos durante a ação de extensão e na relação das histórias apresentadas nas produções com os temas relativos à produção da arquitetura e da cidade, destacando os pontos mais relevantes dos debates que se seguiram. Por fim, as conclusões apontam para a relevância das temáticas discutidas e das repercussões do projeto no meio acadêmico através da opinião do público, assim como as perspectivas de continuidade dos eventos.

2 O URBANO ATRAVÉS DO OLHAR DO AUDIOVISUAL

Em algum momento na sua trajetória, o profissional ou estudante de Arquitetura e Urbanismo há de se deparar com a necessidade de expandir os limites do campo de estudo, adentrando em outras áreas do conhecimento, para conseguir melhor compreender questões relativas à complexa dimensão de transformações e dinâmicas urbanas. Silvana Olivieri, em sua dissertação de mestrado que se tornou livro - Quando o cinema vira urbanismo -, salienta a importância do diálogo com outros campos de atuação que também lidam com a questão urbana como a antropologia, a etnografia, o cinema e a filosofia, que ela classifica como “campo transbordado”. Em resenha à revista Arquitectos do portal Vitruvius, Paola Berenstein Jacques descreve esta abordagem de Olivieri como “um desvio criativo do campo do urbanismo propriamente dito, mas que pode e deve, segundo a autora, ser determinante em sua própria atualização enquanto campo de conhecimento” (JACQUES, 2011, pág. 1).

Silvana resgata importantes contribuições do arquiteto - que se autointitulava “antropoteto” ou “etnurbanista” - Carlos Nelson Ferreira, que tinha forte ligação com os estudos antropológicos e fez um extenso trabalho de catalogação de produções audiovisuais no país que tratavam do meio urbano, atuando também em projetos

participativos de urbanização de favelas, assim como na exploração metodológica do documentário urbano. Nesse sentido, a autora propõe uma postura antropológica em contraponto à uma visão distanciada do cotidiano urbano, considerando a perspectiva do usuário e do morador em primeiro plano. O cinema, o audiovisual ou o fazer documentário representam, portanto, uma ferramenta de compreensão do “outro”, que não se encontra distante, em sociedades primitivas, como costuma ser foco nos estudos antropológicos mais tradicionais. Este outro “mora ao lado, divide, se apropria ou ocupa, por vezes de forma bastante conflituosa, os espaços públicos urbanos” (JACQUES, 2011, p.1).

Segundo Silvana Olivieri (2007), desde as primeiras exposições cinematográficas, realizadas pelos irmãos Lumière, foram exibidas cenas cotidianas da vida das cidades, como operários saindo de uma fábrica ou passageiros esperando um trem na estação. Produções mais recentes, destaca a autora (OLIVIERI, 2007), como os documentários do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, também retratam ambientes urbanos, principalmente aqueles considerados problemáticos, como um lixão na periferia de Niterói, as favelas cariocas, ou a vida dos moradores do Edifício Master, em Copacabana. De fato, uma das principais tendências da produção de documentários nacionais, nas últimas duas décadas, tem sido mostrar, através de um certo “olhar antropológico”, o cotidiano não apenas das favelas, mas de vários outros espaços urbanos que, em comum, apresentam algum tipo de escape ou desvio nas ordens da chamada “cidade formal”, regular ou legal, dando a palavra às personagens singulares que neles habitam ou circulam. (OLIVIERI, 2007, p.106-107)

A ficção e o documentário são as principais formas de produção audiovisual, e o documentário vem recebendo um destaque maior nos últimos anos devido ao fato de fazer uso de equipes pequenas, ter um baixo custo de produção, e dispensar um planejamento bem definido e um roteiro prévio. Para Olivieri (2007), na forma documentária ou ficcional, os filmes estabelecem uma relação com o mundo e afetam a experiência do espectador nesse mundo. Bill Nichols afirma que todo filme é um documentário, pois mesmo uma ficção evidencia a cultura e o imaginário de quem o produziu. Entretanto, o mesmo preconiza que os documentários em si se categorizam como filmes de representação social, salientando:

Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (NICHOLS, 2001, p. 26 e 27)

No ramo do cinema etnográfico, o conceito de cinema-verité (ou cinema verdade) teve o cineasta Jean Rouch como um dos principais precursores, e baseou-se na tentativa de reprodução da veracidade dos fatos que estão sendo registrados na presença do cineasta e da câmera (estes últimos sendo “participantes” que por si só já provocam uma interferência na cena). Desse modo, Bill Nichols afirma que “se há uma verdade aí, é a verdade de uma forma de interação, que não existiria se não fosse pela câmera” (NICHOLS, 2001, p. 155). Por esse caráter de aproximação com o sentido de realidade dos objetos abordados, para Olivieri (2007), os documentários podem ser uma forma de libertar os urbanistas de pensamentos e teorias que já são discutidas da mesma forma, há muito tempo. A partir da apreensão da cidade por meio do audiovisual, esses profissionais podem ter ainda mais um instrumento para praticar, percorrer e misturar-se às pessoas e ao ambiente urbano, gerando uma composição “cristalina” da visão de cidade, como destaca Olivieri a partir de Gilles Deleuze (2005, p.88-89 *apud* OLIVIERI, 2007, p.7).

Aliado a isso, a fim de construir o que seria um quebra-cabeça imagético, como aponta Enzo Traverso (2007, *apud* TAVARES, 2017, p.51), o audiovisual pode ser utilizado como uma ferramenta de pesquisa, de coleta de depoimentos, leituras visuais e sonoras do espaço urbano, que ajudem a investigar e documentar, por exemplo, a memória de um lugar. Segundo Frederico Luna Tavares (2017), a união entre arquitetura e produção audiovisual tem uma grande possibilidade de construção teórica e prática, assim como representa um campo de consumo como produto educacional pouco explorado. Já para Angela Maria Rocha e Tatyane Bandeira de Souza (2007, p.131), o cinema, como meio de representação de uma realidade urbana, também possibilita uma visão global de um determinado objeto estudado, através de um sistema que as autoras classificam como a “multiplicidade de imagens no tempo e diversos pontos de vista”, com um caráter espacial mais dinâmico do que as representações bidimensionais usualmente empregadas na arquitetura.

Milena Silveira Gusmão (2018) ao apresentar a experiência dos clubes de cinema no Brasil como espaços de sociabilidade e de estímulo da formação cultural e educacional, direciona à ideia do cinema como meio de circulação de conhecimento e de percepções do mundo contemporâneo. Segundo esta autora, a prática do cineclubismo foi iniciado no Brasil na década de 1950, e tinha um caráter restritivo na sua participação, a qual era majoritariamente composta por intelectuais. A partir da década de 1970, este movimento cultural começou

a ser marcado por um engajamento político maior devido à participação de grupos de resistência à ditadura militar. De acordo com Gusmão (2018), a experiência dos cineclubes, portanto, evidencia o papel do cinema nos debates sociais, como ação educativa, de troca de saberes e informações. Henri Dieuzeid reitera essa perspectiva educacional do audiovisual, ao afirmá-lo como uma ferramenta que “proporciona uma melhor aprendizagem”, não só por aumentar o nível de conhecimentos, mas também por “atuar no sentido de uma verdadeira democratização do ensino” (DIEUZEID, 1973 apud SILVA, 2001, p. 313).

De modo geral, compreende-se que as produções audiovisuais, desde suas origens, sempre tiveram um apreço pela temática urbana por representar a vida nas cidades. Tanto os gêneros de documentário e ficção podem contribuir em discussões sociais ao representar visões de grupos ou indivíduos, e nesse sentido, as experiências de interação com o meio do audiovisual fomentadas por movimentos ou eventos culturais podem contribuir para o enriquecimento da percepção cultural de temas de grande relevância para a sociedade contemporânea. Essa pode ser mais uma ferramenta a ser incorporada pelos profissionais e estudantes de Arquitetura e Urbanismo em debates que tenham como tema central as problemáticas socioespaciais das cidades, propiciando a democratização da discussão, pois sua linguagem acessível alcança um público maior e mais variado, integrando diversas perspectivas sobre os temas.

3 A MOSTRA

A mostra Curtas Urbanos foi uma iniciativa de protagonismo estudantil motivada pelo interesse de promover exposições de curtas-metragens que tratam de temas pertinentes ao universo acadêmico de Arquitetura e Urbanismo, mas que também dialogam com outras diversas áreas do conhecimento e que poderiam enriquecer a experiência universitária a partir da integração com o público externo. A idealização do projeto partiu da então estudante de Arquitetura e Urbanismo Jayne Pereira que se aproximou do audiovisual durante a graduação, a partir de exercícios acadêmicos com a realização de vídeos, tendo se aprofundado na temática ao cursar disciplinas optativas em outros departamentos da universidade e também em seu período de intercâmbio. Desse modo, Jayne passou a atuar em produções audiovisuais independentes desde 2014, e em 2018 cunhou a realização desse projeto de extensão junto à professora Amíria Brasil e colegas da graduação, a fim de divulgar produções locais - que muitas vezes ficam restritas ao universo da comunicação social - e abrir uma possibilidade ao olhar antropológico no âmbito de estudo de Arquitetura e Urbanismo para o uso dessa ferramenta na percepção e mesmo na construção de narrativas, através da produção de mídias como ferramenta de aprendizado sobre o espaço urbano.

Eventos de caráter similar ocorrem amplamente nas universidades, e na própria Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sejam eventos abertos, sejam restritos a um público específico. Alguns exemplos na UFRN são o América Latina no Cinema - que ocorre na Biblioteca Central Zila Mamede, trazendo filmes produzidos nos países latinos que não entraram nos cinemas locais por diversas razões, sempre precedidos por curtas-metragens potiguares - e o CineCCSA, promovido pelo Centro de Ciências Sociais e Aplicadas em parceria com a Cooperativa Cultural da UFRN, promovendo a exibição de longas-metragens internacionais e nacionais, além de um curta-metragem potiguar em cada sessão. No próprio Laboratório de Arquitetura e Urbanismo, em 2013, o professor José Clewton Nascimento promoveu o projeto Cidade em Cena, com a exibição de longas-metragens que abordavam diversas temáticas sobre a cidade, arquitetura e patrimônio. Dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN há disciplinas que aplicam o uso do audiovisual em exercícios acadêmicos, como as disciplina de Introdução à Arquitetura e Urbanismo, e Projeto e Planejamento Urbano e Regional I. Atualmente também está sendo ministrada uma disciplina aberta à graduação e pós-graduação, intitulada Seminário Temático II - Audiovisual para Arquitetura e Urbanismo: documentação, narrativa e preservação do patrimônio.

O projeto foi concebido a fim de somar à experiência universitária, com a proposta de exibir apenas curtas-metragens com temáticas ligadas ao urbanismo. Sendo assim, a atividade foi cadastrada como ação de extensão como forma de legitimar o projeto e dar certificação pela presença e participação de todos os envolvidos. A ação aconteceu de maneira experimental no primeiro semestre e devido ao engajamento observado, voltou a ocorrer no semestre seguinte. A organização se deu por etapas, na qual a primeira foi a seleção dos curtas, a segunda etapa foi o contato com os realizadores dos filmes a fim de articular as possíveis datas para garantir suas presenças nos eventos, assim como professores e convidados externos. Em paralelo a isso, foram realizados os procedimentos cabíveis para cadastrar a atividade como ação de extensão, submetendo a proposta à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Sendo aprovado, o projeto, deu-se início à terceira etapa: a divulgação dos eventos, por meio de cartazes divulgados nas mídias sociais e colados em murais ao redor da universidade, a fim de atrair o público geral. Os cartazes (Figura 01) eram divulgados geralmente uma semana antes da realização dos eventos.

Figura 01 - Cartazes de divulgação



Fonte: Acervo da equipe, 2018.

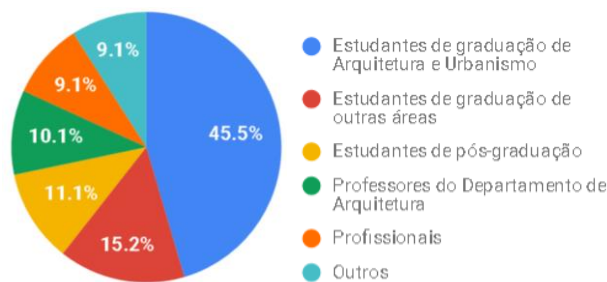
Os eventos ocorreram sempre no átrio do “Galinheiro” (Laboratórios de Arquitetura e Urbanismo da UFRN), sendo organizado pelos membros da equipe com apoio do Centro Acadêmico. A estrutura dos eventos seguia a sequência: apresentação breve sobre o projeto e temática do curta do dia; exibição do curta-metragem; abertura da roda de conversa passando a palavra inicialmente aos realizadores do filme e então aos debatedores e ao público geral, permitindo que o debate fluísse livremente (Figura 02). Em todo encontro sempre eram convidados um ou mais professores do departamento para fomentar o debate, assim como convidados externos ligados de alguma forma à temática. O projeto atingiu um público estimado de 110 pessoas, ao longo de todos os eventos. A maioria dos participantes eram da graduação de Arquitetura e Urbanismo, representando 45,5% do público, mas também foi constatada a presença de estudantes de outros cursos e da pós-graduação, como demonstra o Gráfico 01.

Figura 02 - Registros dos eventos dos Curtas Urbanos



Fonte: Acervo da equipe, 2018.

Gráfico 01 - Perfil do público



Fonte: Acervo da equipe, 2018.

O Quadro 01 apresenta um resumo das sessões, com as sinopses dos filmes, as temáticas abordadas nas discussões e os participantes envolvidos. Estimou-se, para cada encontro, um público de em média vinte pessoas, objetivo alcançado tendo em vista que houve encontros com um público bastante expressivo, como é demonstrado no quadro. Observou-se que os encontros com menos público ocorreram no fim de semestre, próximo às avaliações e entregas finais de trabalhos. Assim como, um público maior esteve presente na 5ª sessão, a qual fez parte de um evento organizado em conjunto ao grupo Vozes da Cidade e ao Fórum de Direito à Cidade.

Quadro 01 - Quadro-resumo das sessões dos Curtas Urbanos

SESSÕES		TEMÁTICAS	PARTICIPANTES
1ª	<p>DATA: 24 de abril de 2018</p> <p>Abraço da Maré (Documentário, 16min) - Direção: Victor Ciriaco</p> <p>O dia a dia de quem mora em um centro urbano é sempre atribulado. Porém, bem no meio disso tudo, cinco pessoas vivem na mais pura sintonia entre a natureza e a cidade. Do asfalto ao mangue, o curta-metragem documental "Abraço de maré" traz para a tela a história de vida de uma família ribeirinha, que mora em uma casa de taipa às margens do rio Potengi.</p>	<p>Direito à moradia;</p> <p>Moradia em situação de vulnerabilidade ambiental;</p> <p>Assistência técnica</p>	<p>Convidados:</p> <p>Prof. Dulce Bentes, Victor Ciriaco e Pipa Dantas</p> <p>Qt. de participantes: 22</p>
2ª	<p>DATA: 05 de junho de 2018</p> <p>Caboco (Documentário, 17min) - Direção: Stephanie Bittencourt</p> <p>Do asfalto à terra semeada, da cultura consumista, carnívora e individualista ao despertar para a sabedoria ancestral, ideais de cooperativismo e busca pela reintegração humano-natureza. O curta documentário etnográfico "Caboco" traz para a tela a vivência na permacultura do agricultor e artesão Aurélio Dantas, guardião do Sítio Alice, em Poço Branco - Rio Grande do Norte.</p>	<p>Legislação ambiental em Áreas de Preservação Permanente;</p> <p>Permacultura</p>	<p>Convidados:</p> <p>Prof. Dulce Bentes, Stephanie Bittencourt, Aurélio Dantas, Luciano Falcão e Jair Souza</p> <p>Qt. de participantes: 20</p>
3ª	<p>DATA: 19 de junho de 2018</p> <p>Leningrado, linha 41 (Documentário, 20min) - Direção: Dênia Cruz</p> <p>O curta relata a história do assentamento Leningrado, em Natal/RN, cuja comunidade ainda luta pelo direito à moradia e dignidade, em um conjunto totalmente segregado de Natal, onde a sua única ligação com a cidade é a linha de ônibus 41.</p>	<p>Direito à moradia;</p> <p>Direito à cidade</p>	<p>Convidados:</p> <p>Prof. Francisco Jr., Prof. José Clewton, Prof. Eunádia Cavalcanti, Dênia Cruz e Wellington Bernardo</p> <p>Qt. de participantes: 17</p>
4ª	<p>DATA: 11 de setembro de 2018</p> <p>(In)sustentável (Docuficção, 12min) - Direção: Seo Cruz / Julio Castro</p> <p>2013, parte do calçadão da paradisíaca praia de Ponta Negra (Natal/RN) desaba. A tubulação de esgoto rompe e os dejetos passam a ser despejados diretamente no mar. Em diálogo com imagens reais daquele período e utilizando um dispositivo de estética ficcional, no formato híbrido do filme uma nonsense equipe de TV investiga o acidente ambiental e cumpre suas demais pautas onde parcela dos personagens surreais representam a si mesmos.</p>	<p>Fragilidade ambiental;</p> <p>saneamento;</p> <p>poluição;</p> <p>patrimônio ambiental</p>	<p>Convidados:</p> <p>Prof. Ricardo Moretti, Vlamir Cruz, Rosana Santos, Luciano Falcão</p> <p>Qt. de participantes: 34</p>
5ª	<p>DATA: 27 de setembro de 2018</p> <p>Catarro (Documentário, 11min) - Direção: Paulo Dumaresq</p> <p>Um morador de rua que, para sobreviver, vende os quadros que pinta e os livros que pega nos sebos do centro da cidade.</p>	<p>Pessoas em situação de rua;</p> <p>direito à cidade;</p> <p>direito à moradia;</p> <p>habitação de interesse social</p>	<p>Convidados:</p> <p>Prof. Verônica Lima, Prof. Ruth Ataíde, Prof. Teresa Nobre, Daniele Veras (MP-RN), Vanilson Torres (MNPR)</p> <p>Qt. de participantes: 41</p>
6ª	<p>DATA: 18 de outubro de 2018</p> <p>Prédios abandonados - Beury e Divine (Documentário, 5min) - Direção: Jaya Lupe</p> <p>Prédios icônicos abandonados no norte da Filadélfia, Estados Unidos.</p> <p>Arialdo Pinho: uma trajetória des-viável (Documentário, 17min) - Direção: Fred Luna</p> <p>Sinopse: Documentário do jornalista Frederico Luna sobre o talentoso (e polêmico) projetista prático carioca Arialdo Pinho, cuja carreira se desenvolveu em Natal-RN na década de 1950, onde projetou habitações modernistas, e em Fortaleza-CE, cidade onde ampliou o espectro profissional, projetando além de residências, hotéis, fábricas, faculdade, cenários de espetáculos teatrais, lojas, móveis, ambientação e festas temáticas. Filme que trata da memória e do patrimônio cultural construído, repleto de depoimentos e pesquisa de campo.</p>	<p>Patrimônio;</p> <p>esvaziamento das áreas centrais urbanas;</p> <p>apropriação cultural;</p> <p>intervenções em patrimônio histórico</p>	<p>Convidados:</p> <p>Prof. George Dantas, Fred Luna, Jaya Lupe, Prof. Emanuel Cavalcanti</p> <p>Qt. de participantes :16</p>
7ª	<p>DATA: 01 de novembro de 2018</p> <p>Existe vida na Moema (Documentário, 10min) - Direção: Jaya Lupe</p> <p>Relatos de moradores da Av. Moema Tinoco e da comunidade do Gramorezinho sobre as desapropriações e transformações urbanas na área.</p> <p>Entre muros: vida escondida na comunidade do Jacó (Documentário, 15min) - Direção: Marcello Uchoa</p> <p>O curta documental é um dos produtos da execução da ação de extensão "Programa Motyrum de Educação Popular em Direitos Humanos - Projeto Núcleo Urbano na Comunidade do Jacó- Natal/RN" no ano de 2018. "Entre Muros" surge de uma conversa com 4 das moradoras mais antigas da comunidade, em que além de relatos sobre o passado da comunidade e de sua relação com o bairro das Rocas, acusam um projeto de cidade que invisibiliza, ignora, empurra e encurrala quem deveria ser acolhido.</p>	<p>Desapropriação, direito à moradia, direito à cidade, vulnerabilidade social</p>	<p>Convidados:</p> <p>Prof. Dulce Bentes, Prof. Heitor Silva, Marcello Uchoa, Jaya Lupe, Reinaldo Lélis</p> <p>Qt. de participantes: 17</p>

Fonte: Acervo da equipe, 2018.

A partir disso, serão explanadas cada uma das sessões, trazendo mais detalhes das temáticas dos filmes, das discussões realizadas após as exibições e também alguns comentários que se relacionam com as temáticas das sessões, coletados através do questionário e entrevistas.

1ª sessão - Abraço de Maré

No primeiro encontro foi exibido o curta *Abraço de Maré*, o qual conta a história de vida de uma família ribeirinha, que mora em uma casa de taipa às margens do rio Potengi, trazendo uma reflexão sobre a dualidade de uma realidade que parece tão distante, mas que é na verdade muito próxima. O diretor conta que a produção surgiu a partir da curiosidade ao ver aquele cenário desenhado na paisagem que observava da janela do ônibus ao atravessar a ponte velha do Rio Potengi. A linguagem visual do filme adotou uma

estética em preto e branco a fim de ressaltar a história contada e não a pobreza do local, como aponta Hélio Ronyvon, diretor executivo do curta e Pipa Dantas, editora. No debate, após a exibição do curta, foi dada a palavra aos realizadores Victor Ciríaco e Pipa Dantas, que relataram alguns desafios da produção e da escolha da linguagem, que não seguiu um roteiro prévio, mas que buscou dar a palavra aos habitantes, se familiarizando e adentrando aquele universo tão particular. Na sequência, foram suscitadas algumas questões referentes ao patrimônio ambiental desvalorizado - o mangue e o Rio Potengi - e à questão da moradia, retratando as pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade socioambiental. Numa fala de um dos personagens retratados no filme, ele esclarece que mora numa ilha, mas uma ilha na qual ninguém gostaria de morar. Apesar das condições precárias, os moradores afirmam que gostam de viver ali, e que dali também tiram seu sustento, a partir da pesca. O curta promove uma crítica social, mas, ao mesmo tempo, revela um cenário de grande valor ambiental e potencial cênico e paisagístico, que tem sido igualmente negligenciado.

Um dos pontos altos da discussão foi quando um estudante de arquitetura falou a respeito da Lei de Assistência Técnica Pública e Gratuita para famílias de baixa renda (Lei nº 11.888) que existe desde 2008, mas que não vem sendo aplicada pelos municípios. O objetivo da lei é garantir que famílias com renda mensal até 3 salários mínimos possam construir a sua casa com segurança, orientados por arquitetos financiados pelo governo, quer morem em área rural ou urbana. A partir dos desdobramentos do debate, foi evidenciado o poder da linguagem audiovisual adotada no curta, na medida em que, mesmo sem tantas pretensões, aborda questões muito profundas da nossa sociedade que revelam um abismo social promovido pela falta de assistência, oportunidade e visibilidade a pessoas que vivem em situações críticas.

2ª sessão - Caboco

Na segunda edição foi exibido o documentário *Caboco*, o qual foi o trabalho de conclusão de curso (TCC) em Comunicação Social com habilitação em jornalismo da diretora. O filme aborda uma história inspiradora de sonhos e de resistência: a terra em que Aurélio Dantas (Caboco) habita atualmente, chamada de Sítio Alice (em homenagem à mãe e a filha), costumava amontoar bares que geravam poluição no local. Ao descobrir que se tratava de uma APP (Área de Preservação Permanente pelo Código Florestal, Lei Nº 12.651/2012), Aurélio decidiu por embargar o balneário e dar início a um processo de ocupação e reflorestamento. Ao conhecer os princípios da permacultura, que são, de acordo com os precursores da permacultura Bill Mollison e David Holmgren (1978), cuidar das pessoas, cuidar da terra e partilhar os excedentes, o homem de 47 anos vislumbrou uma alternativa de sair de meios de vidas prejudiciais e aplicar mudanças de hábito adotando os princípios preconizados. Foi então que, desde o ano 2000, o Caboco integrou-se à Rede Potiguar de Permacultura e vem trabalhando, em um projeto autônomo que pode ser caracterizado como uma experiência de agroecologia, em Poço Branco/RN. A ideia era criar e manter uma área de reserva ambiental, através do processo de reflorestamento num terreno devastado que antes servia como balneário, amontoando bares a beira do açude, que degradavam o local (BITTENCOURT, 2016). A linguagem adotada buscou compreender o estilo de vida do personagem a partir da observação, adotando a linguagem etnográfica, como aponta a diretora:

Minha intenção ao longo da produção foi de capturar aspectos de seu viver a partir de uma postura etnográfica. Registrar conversas intencionadas, mas focar nos momentos espontâneos, observá-los, permiti-los. Nesse sentido, por exemplo, ao longo da edição, optamos por não “limpar” os ruídos (latidos dos cães, risadas, comentários ininteligíveis ao fundo) das gravações de nossos cantos e brincadeiras na fogueira, e com eles compor trechos do filme, enriquecendo-o com seu potencial de trazer verdade (BITTENCOURT, 2016, p. 16).

O evento ocorreu no dia 05 de junho de 2018, no dia mundial do Meio Ambiente e contou com a presença da diretora e do próprio Caboco, assim como da professora Dulce Bentes, e de parceiros de Aurélio: o advogado popular Luciano Falcão e o professor de História Jair Souza, que tiveram participação no processo de emancipação e luta pelo direito de posse de Aurélio à área, tendo em vista sua atuação de mais de 15 anos no local, reflorestando e preservando aquele pedaço de terra. A discussão girou em torno do abismo entre a legislação ambiental e a realidade das pessoas que lidam com a terra e vivem de forma simples e integrada com a natureza, como é o caso também de comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhos, dentre outros. O encontro também propiciou o relato de depoimentos pessoais dos convidados na luta e resistência no local, na ocasião da audiência da posse de Aurélio Dantas, e também a apresentação da pesquisa realizada por Jayne Pereira no 8º período, sob orientação da professora Dulce Bentes, a respeito da experiência de Caboco e uma discussão sobre atividades integradoras em APP's, muitas vezes em contraste com a legislação ambiental vigente, cujo principal referencial teórico baseou-se no livro de Antônio Carlos Diegues (2000), “O mito moderno da natureza intocada”, que discorre sobre o distanciamento da sociedade com a natureza, influenciado em grande parte pela legislação americana de áreas naturais protegidas.

3ª sessão - Leningrado, linha 41

O curta que encerrou as exposições no primeiro semestre, *Leningrado, linha 41* explana a história de cerca de 120 famílias, que em 2004, armaram seus barracos e montaram a ocupação, cujo nome faz uma alusão à cidade soviética sitiada em 1941 durante a segunda guerra mundial. O conjunto Leningrado foi construído a partir de 2007 pela Prefeitura Municipal de Natal no Bairro Guarapes, com 445 unidades habitacionais, ocupando a área de um assentamento irregular com mesmo nome. Segundo Maria Clariça Guimarães (2013), este conjunto foi resultado do processo de ocupação e de luta coletiva do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), e, na época, foi considerada a maior ocupação em defesa do direito à moradia do Norte-Nordeste. Após anos de existência, depois de virar conjunto habitacional, Leningrado ainda não tem serviços básicos como saúde, educação, segurança e lazer.

De acordo com Maria Caroline Diógenes (2014), tanto o projeto Planalto I, que deu origem ao conjunto Leningrado, quanto o projeto Planalto II, que acrescentou 160 casas ao conjunto anterior e implantou o conjunto Santa Clara, foram orientados pelo manual do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS), e produzidos no âmbito do PAC I. No projeto Planalto I, foram destinadas 400 unidades habitacionais para a ocupação Leningrado, e 45 UHs, para famílias com cadastro na Prefeitura de Natal (DIÓGENES, 2014, p.50). Para esta autora, o reassentamento proposto por estes projetos em uma área de ocupação recente com escassez de equipamentos públicos, evidencia as dificuldades de implementação dos instrumentos de efetivação da Função Social da Propriedade Urbana pelo poder público do município. Segundo Diógenes (2014), o projeto Planalto II previu a construção de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), uma escola com quadra de esportes, um posto de saúde e uma lagoa de drenagem no conjunto Leningrado, enquanto que no conjunto Santa Clara, foram destinadas duas quadras para a construção de um cemitério e de equipamentos públicos. No entanto, destes equipamentos, apenas o CMEI e a lagoa de capacitação do Leningrado foram construídos.

O evento contou com a presença da diretora do curta-metragem e do coordenador do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), Wellington Bernardo, que acompanhou o processo de luta das famílias do Leningrado e atuou fortalecendo o movimento. Na discussão foram pautados questões concernentes ao déficit habitacional e ineficiência das políticas de habitação social, como, por exemplo, o Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), criado a partir da Lei Federal 11.977/09, e alterado pela Lei 12.424 de 16 de junho de 2011, e que, segundo Tamms Maria da Conceição Campos (2015), tem favorecido a fragmentação do território e a hierarquização do espaço físico de acordo com a renda no município Natal, e em seu entorno metropolitano. Além disso, a diretora do filme está em processo de finalização de um outro produto audiovisual intitulado “Casa com parede” a respeito do assentamento 8 de março - ocupação que surgiu em 2012 da reunião de pessoas que lutavam pelo direito à moradia num terreno público entre os conjuntos Santa Clara e Leningrado - e que foi destruído por um incêndio em outubro de 2017, deixando mais de cem famílias desabrigadas. Desde 2013 estava previsto a construção de moradias populares no local, mas apenas no início do corrente ano, após o desastre, as famílias foram relocadas para habitações do PMCMV no condomínio Village de Prata, também no bairro Guarapes.

4ª sessão - (In)sustentável

Nesta sessão foi realizada a exibição do curta *(In)sustentável*. Este foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso de Produção Audiovisual da Universidade Potiguar (UnP). A narrativa foi inspirada pelos desabamentos do calçadão da praia de Ponta Negra (Natal/RN), que começaram no início de 2012. A queda de mais um trecho em 2013, seguida da quebra de uma tubulação de esgoto da orla serviu como cenário para esta produção. Logo nos primeiros segundos do curta, essa problemática é apresentada por meio de uma reportagem ficcional realizada na referida localização: “Estamos em Ponta Negra, onde o esgoto jorra para a praia há dias (...)”.

O curta segue uma estrutura narrativa fragmentada, e alguns eventos “surreais” são apresentados entre as cenas que mostram os problemas ambientais da praia e a especulação imobiliária do seu entorno. Segundo um dos realizadores, Vlamir Cruz, o curta foi idealizado desse modo com o objetivo de representar a abordagem, também “inacreditável”, da mídia natalense, que tratava a situação do calçadão apenas como problema estético, não evidenciando as deficiências na gestão urbana e ambiental.

Na discussão feita após a exibição do filme, alguns dos pontos mais debatidos foram a necessidade de uma discussão interdisciplinar da questão do saneamento ambiental para se contrapor ao discurso hegemônico no qual essa temática é apresentada de forma distorcida de acordo com interesses políticos pouco direcionados a uma solução que beneficie a sociedade em geral, os conflitos existentes na atuação das instituições responsáveis pelo tratamento de esgotos e de águas pluviais no Estado, a CAERN e a SEMOB,

assim como a indispensabilidade de criação de um plano de contingência para situações de emergência ambiental.

5ª sessão - *Catarro*

Nesta sessão, ocorreu a exibição do curta metragem *Catarro*, que retrata a vida de Edvaldo Correia da Silva. Segundo o diretor, a narrativa do curta foi inspirada no filme *On the Bowery*, produção do diretor americano Lionel Rogosin, de 1956, que conta a história de um grupo de homens que morava na rua Bowery, em Nova York. Esta sessão foi realizada em parceria com o grupo Vozes da Cidade, coordenado pela professora Verônica Lima e contou com a participação de importantes agentes da luta por direito à moradia e defesa da população de rua na cidade de Natal. Dentre eles, destacou-se a participação da professora do Departamento de Psicologia da UFRN Maria Teresa Lisboa, uma das coordenadoras do projeto de extensão “Descartáveis urbanos ou cidadãos de direitos? Uma aposta na população de rua da “Grande Natal” que objetiva contribuir para a autonomia, mobilização e formação política de pessoas em situação de rua em Natal; a presença de Danielle Veras, promotora da Comissão de Justiça e Cidadania do Ministério Público do Rio Grande do Norte (MP-RN), e de Vanilson Torres, coordenador local do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR).

Na discussão realizada após a exibição do curta destacaram-se alguns pontos, dentre eles, os critérios de seleção de famílias pelo programa Minha Casa Minha Vida, que segundo Danielle Veras, é dividido nas categorias de demanda fechada e de sorteio. Os moradores de rua são inseridos no programa a partir desta segunda forma de seleção, e são beneficiados por um peso diferencial. No entanto, a promotora destacou a importância da inserção desse grupo também na primeira forma de seleção, de modo a ampliar as chances de aquisição de moradia. Também foi destacada a necessidade de mapear a quantidade de pessoas em situação de rua e inseri-las em uma poligonal ampla e que contemple as áreas centrais da cidade, onde esses moradores já realizam as suas atividades. Assim como, as dificuldades institucionais de transição de uma situação de rua para uma situação formal, com destaque para os conflitos existentes na prática de albergamento, única alternativa oferecida pelo poder público para os moradores de rua da cidade de Natal. Esta modalidade de atendimento vai na contramão das práticas atuais da Política Nacional de Assistência Social, e da implantação do Sistema Único de Assistência Social, que contempla o atendimento da população de rua na perspectiva de inclusão dos indivíduos, fortalecendo vínculos sociais e familiares, e realizando a articulação com demais políticas sociais.

O evento reuniu autoridades no tema propiciando um debate diverso e depoimentos muito ricos, o que gerou diversas repercussões positivas. Uma delas foi no desenvolvimento da pesquisa da estudante Isadora Lima, cujo tema a priori abordava as ocupações informais no Centro Histórico de Natal, a qual após contato com o líder do MNPR, Vanilson Torres, tomou outro viés, como a mesma relata:

Ele me convidou imediatamente para participar das reuniões do movimento, onde ficou claro que a demanda mais urgente era a criação de um plano de habitação feito pela população de rua, e que levou à mudança do meu tema na pesquisa da disciplina, à continuidade no Trabalho Final de Graduação (em desenvolvimento), e a uma inserção mais concreta no movimento enquanto apoiadora e não só pesquisadora.

Outro desdobramento bastante relevante foi a mobilização gerada a partir do discurso de Vanilson, o qual buscava encontrar possíveis soluções para melhorar as condições das pessoas que se encontram em situação de rua. Como apontou o professor Ricardo Moretti em entrevista cedida à equipe, a fala do representante do MNPR motivou a promotora do Ministério Público do RN, a qual estava presente no evento, a se mobilizar em prol de ações que fossem de interesse do público em questão. A professora Ruth Ataíde, alertou a promotora sobre os terrenos não operacionais da Rede Ferroviária, os quais se tornaram Patrimônio da União e desse modo poderiam vir a ser utilizados para fins sociais. O Diretor do curta, Paulo Dumaresq, manifestou que ficou bastante sensibilizado pelos depoimentos dos integrantes do MNPR, em especial, de Hallison da Costa. Atualmente está realizando um novo projeto audiovisual intitulado “Cidadãos invisíveis”, retratando a vida de Hallison dentre outras pessoas em situação de rua no centro da cidade.

6ª sessão - *Patrimônio*

Nessa sessão, a temática abordada foi a de Patrimônio Arquitetônico, através dos curtas *Prédios Abandonados - Beury e Divine* e *Arialdo Pinho: uma trajetória des-viável*, os quais discutem a questão do descaso com importantes exemplares arquitetônicos nas cidades retratadas, Filadelfia (EUA) e Natal (Brasil). A atual crise a respeito do patrimônio cultural edificado é retratada pela historiadora Françoise Choay, a qual aponta o desvinculo da sociedade com a própria identidade como um dos fatores a contribuírem para que as rápidas transformações contemporâneas prevaleçam em detrimento dos elementos identitários históricos e culturais (CHOAY, 2011) Portanto, como aborda o autor Lemos (1981), uma das formas de preservar os aspectos históricos e culturais de uma sociedade significa manter vivos, mesmo que alterados, usos e

costumes populares, gravando depoimentos ou fazendo levantamentos de qualquer natureza, com o objetivo de registrar obras condenadas ao desaparecimento. Para o autor, registrar é sinônimo de preservar: “registrar para o amanhã informações de elementos culturais que não tem garantia de permanência, devido aos avanços do ‘saber fazer’ da humanidade” (LEMOS, 1981. p. 29).

Em relação ao curta *Prédios Abandonados - Beury e Divine*, a diretora Jaya Lupe retrata o Edifício Beury e o Edifício Divine Lorraine, localizados no norte da Filadélfia, Estados Unidos. Em 2015, enquanto as filmagens ocorriam, esses prédios icônicos se encontravam abandonados e em avançado processo de deterioração. No curta, é evidenciado, através da fala dos entrevistados, os usos que esses edifícios poderiam abranger, dado a sua estrutura, seu tamanho, suas características arquitetônicas marcantes, assim como, sua localização central privilegiada, como é retratado na fala inicial do curta: “(...) é tão triste ver um prédio tão grande e tão bonito e com esse tipo de arquitetura ser desperdiçado. (...) uma estrutura como essa, poderia se tornar um centro de atividade, algo para crianças, tem muito espaço lá dentro” (PRÉDIOS ABANDONADOS, 2015).

O segundo curta apresentado, documentário realizado por Fred Luna, foi um dos produtos da sua tese de doutorado que uniu seu conhecimento na área do jornalismo ao conhecimento desenvolvido na pesquisa científica no campo da Arquitetura e Urbanismo, trazendo abordagens a respeito da arquitetura modernista de Natal na década de 50; aspectos profissionais, pessoais e sociais do arquiteto Arialdo Pinho e um retrato da evolução profissional da arquitetura na mesma época (TAVARES, 2017). O documentário, mesmo sendo de compreensão independente da tese e apresentando como elemento principal, leva a discussões a respeito do Patrimônio Material na cidade de Natal, no qual as residências modernistas retratadas se encontram sob a forma de reuso, abandonadas, reformadas, descaracterizadas, em processo de demolição ou demolidas. A partir disso, ressalta-se a discussão a respeito da memória coletiva em relação às marcas da passagem do tempo na configuração urbana, abordando os fatores para a ausência de identidade das pessoas, resultando no descaso público para com as edificações de valor patrimonial. Sendo assim, o autor utiliza o audiovisual “em virtude das possibilidades oferecidas de exploração do tema, como oportunidade de expor ideias, vozes, palavras, imagens, documentos, monumentos e edificações, de forma consciente, rica e direta.” (TAVARES, 2017. p. 53), promovendo assim uma comunicação mais efetiva com as pessoas e buscando retomar a apropriação coletiva em relação aos bens patrimoniais.

Por fim, o evento foi contemplado com o debate a respeito dos temas apresentados, tendo sido evidenciadas as discussões acerca do que está sendo feito em prol de salvar as edificações e foi relatado que, enquanto uns “*choram as ruínas, outros as transformam em materiais ricos de conteúdo*”, como as próprias produções audiovisuais apresentadas. Além disso, enfocou-se no debate a respeito da reabilitação de edifícios sem uso, especialmente quanto aos localizados em áreas centrais urbanas, levando a discussão ao Direito à Cidade. Com isso, concluiu-se não só a importância do audiovisual como forma de retratar conteúdos teóricos da Arquitetura e do Urbanismo ou trazer às telas a memória coletiva urbana, mas a ferramenta se mostra também como um elemento ativista que desperta a discussão acerca de problemáticas atuais.

7ª sessão - Demandas sociais

Na sétima edição do Curtas Urbanos foi abordado o tema Demandas sociais através dos curtas *Existe Vida na Moema*, e *Entre muros - Vida escondida na comunidade do Jacó*. Estes, abordam as problemáticas das comunidades no âmbito do espaço urbano a fim de promover um planejamento urbano voltado para o desenvolvimento social, sendo, portanto, necessária a participação das comunidades no desenvolvimento de projetos de intervenção. A arquiteta e urbanista Sibelle Lana (2007, p. 28) aponta que a comunicação entre as partes é um dos maiores desafios do projeto a ser realizado em contato com a comunidade, especialmente devido ao fato de que a linguagem dos projetos arquitetônicos e de planejamento urbano não ser legível para todos. Assim, para viabilizar a comunicação entre os profissionais engajados nos projetos urbanos e a população referente é necessário “dar-lhe os meios de acessar esses códigos de representação para que possa entender o que está sendo proposto e contribuir com a proposição” (MALARD et al, 2002 apud. LANA, 2007. p. 28). Com isso, vê-se, mais uma vez, nas produções audiovisuais uma ferramenta positiva para permitir esse diálogo.

O Curta-metragem *Existe Vida na Moema* apresenta relatos de moradores da Av. Moema Tinoco e da comunidade do Gramorezinho (localizados na Região Administrativa Norte de Natal) a respeito das desapropriações e transformações urbanas que estão em curso na área. O curta foi fruto de um exercício acadêmico realizado na disciplina de Atelier Integrado de Arquitetura e Urbanismo, do nono período da graduação, cujo enfoque é a intervenção em uma fração urbana, aplicando soluções de desenho urbano, projeto arquitetônico, traçado viário, mobiliário urbano, paisagismo e programação visual que reflita sobre as demandas populares. Com isso, o grupo buscou ouvir os moradores locais e coletou depoimentos que tratam a problemática da desapropriação da comunidade. Os moradores alegam que a obra realizada na

avenida, que faz parte do Projeto Pró-Transporte, é necessária mas consideram a indenização proposta pelos seus imóveis muito aquém do que realmente valem, e incompatíveis para que eles comprem imóveis na mesma localidade, além de apontarem a demora de iniciar a obra como um dos principais problemas, pois “estagnou” o desenvolvimento da comunidade. O curta também apresenta as hortas orgânicas na comunidade de Gramorezinho, o projeto “Amigo Verde”, que surgiu de uma ação do Ministério Público em associação com outros órgãos públicos a fim de vetar o uso de agrotóxicos nas hortas locais, tendo em vista que a área se insere numa Zona de Proteção Ambiental. Gramorezinho hoje se enquadra como uma Área Especial de Interesse Social de Segurança Alimentar. Apesar de ser uma iniciativa importante, essa mudança levou alguns dos produtores a optarem por vender seus terrenos, o que acabou resultando no aparecimento de loteamentos irregulares, levando algumas das pessoas que estavam sendo desapropriadas a se deslocarem para esses locais.

As discussões pós-filme abriram espaço para a discussão sobre o impacto de grandes obras estruturantes na vida de pessoas de baixa-renda que, em geral, são as mais afetadas. Também foi uma oportunidade para apresentar o resultado do trabalho desenvolvido na disciplina de atelier, que foi o diagnóstico do número de imóveis afetados pelas desapropriações e identificação de vazios urbanos na área, a fim de propor habitações para o realocamento das famílias afetadas. A proposta projetual também contemplou a transformação de áreas remanescentes em espaços públicos e áreas de convivência. A temática do curta também se relaciona com outras pesquisas que estavam sendo desenvolvidas na universidade, como na dissertação de mestrado em Geografia de Famara Lemos - que trata da percepção dos deslocamentos de usuários de ônibus na cidade de Natal - a qual esteve presente na sessão do curta e posteriormente deu um depoimento:

O curta da Moema somou na minha pesquisa, porque aquela avenida está inserida a trajetória da linha 84, uma das linhas que escolhi para a pesquisa. Como trabalhei com paisagem e seus movimentos de dispersão, que acompanha as transformações do espaço, ali naquela via, com as obras Pró-transporte uma tremenda mudança estava aos olhos. A percepção e experiências dos sujeitos foram minhas "fontes de informação".

Quanto ao curta documental *Entre Muros - Vida escondida na comunidade do Jacó*, este é um dos produtos da execução da ação de extensão universitária “Programa Motyrum de Educação Popular em Direitos Humanos - Projeto Núcleo Urbano na Comunidade do Jacó- Natal/RN” no ano de 2018, grupo que desenvolve suas pesquisas adequando os resultados a necessidade dos moradores. A Comunidade do Jacó é considerada uma Área Especial de Interesse Social (AEIS) pelo Plano Diretor de Natal e localiza-se entre os bairros Rocas, Ribeira, Praia do Meio e Petrópolis. “Entre Muros” surge de uma ação participativa realizada através da utilização do mapa da área como objeto gerador de interesse, curiosidade e interlocução, ministrada sob auxílio dos professores do Departamento de Arquitetura José Clewton Nascimento e Eunádia Cavalcante. Na ação, quatro das moradoras mais antigas da comunidade, contam, no desenrolar da conversa, a respeito do passado da comunidade, de como se deu sua consolidação urbana, de sua relação com os bairros próximos e acusam o descaso público para com o Jacó. Através dos relatos das moradoras observa-se um vínculo afetivo, de pertencimento e de sociabilidade da comunidade. Entretanto, nota-se também a dificuldade em se reconhecer como AEIS, entendido a partir de sua condição geográfica limítrofe entre os bairros apontados anteriormente.

O aspecto central do curta-documentário, o qual lhe proferiu o nome, diz respeito aos muros que contém o Jacó, sendo estes os muros da contenção da Rua Miramar, o da subestação da COSERN, e, mais recente, o do condomínio residencial Ribeira II. A respeito desse último, são abordados também os impasses em relação às obras e ao projeto, o qual inicialmente invadia o lar dos moradores do Jacó, adentrando seus limites a poucos metros da fachada de suas casas. Assim, o curta retrata o descaso para com a adequada aplicação dos instrumentos de política urbana encontrados formalmente no Plano Diretor, desconsiderando o direito à moradia adequada (BRASIL, 2013), assim como seus direitos urbanos enquanto Comunidade do Jacó.

Ao final das exposições, iniciou-se uma discussão a respeito do descaso com as pessoas que pôde ser observado nos curtas. Os participantes apontaram como os novos projetos pioravam a vida de algumas pessoas, em detrimento da melhoria para outras, sendo realizados sem levar em consideração a efetivação do direito à cidade para todos, assim como evidenciou-se o descaso aos direitos básicos relativos ao direito à habitação. Na ocasião, o realizador do curta, Marcello Uchoa, recém-formado em Direito pela UFRN, relatou seu acompanhamento junto à comunidade e das dificuldades encontradas no processo para dar mais visibilidade àquela problemática. Ele apresentou também um vídeo mais curto referente a um financiamento coletivo para a melhoria da escadaria de acesso ao Jacó, através do Catarse. O momento também foi uma oportunidade para Reinaldo Lélis discutir sobre seu trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo, feito de forma participativa com a comunidade, a fim de elaborar um projeto com equipamentos de uso coletivo e melhorias da infraestrutura habitacional. O debate seguiu no sentido de enaltecer a importância do

audiovisual como ferramenta de comunicação com a população, assim como para evidenciar realidades que não são de conhecimento geral. Sempre partindo do princípio de que a linguagem arquitetônica e urbana deve ser acessível para todos, e, assim sendo, o audiovisual contribui para a popularização das ações.

3 CONCLUSÕES

De modo geral, foi constatado através dos resultados apresentados neste trabalho que o projeto promoveu diversas discussões relacionadas a estudos desenvolvidos no âmbito do curso de Arquitetura e Urbanismo e, conforme, foi relatado e pautado nos diversos encontros, o audiovisual demonstrou ser uma ferramenta com bastante potencial para levantar reflexões e questionamentos através dos curtas selecionados que apresentaram quadros e situações que muitos não conheciam. A ação contribui na esfera do ensino de Arquitetura e Urbanismo à medida em que articula a interligação com outras áreas do conhecimento, servindo como uma ferramenta de integração, estimulando o debate multidisciplinar. Essa ferramenta, como discutido neste trabalho, pode auxiliar no registro da memória e das transformações da cidade, no entendimento interdisciplinar com maior aproximação de determinados recortes espaciais, assim como, na diversificação dos meios de apresentação de produtos arquitetônicos ou urbanísticos. É, portanto, uma ferramenta que merece ser mais explorada em exercícios de compreensão de contextos socioculturais, no sentido de permitir uma aproximação com o objeto de análise num caráter antropológico e/ou estético, e em debates promovidos no meio acadêmico, sendo um meio de fácil assimilação.

O projeto, tendo em vista a boa aceitação do público e do corpo docente, repercutiu de maneira bastante positiva. A presença dos realizadores das obras, profissionais que mesmo sendo de outras áreas (em geral da Comunicação Social, Cinema e Audiovisual) realizaram curtas-metragens com temáticas que têm forte conexão com o universo urbanístico, foi particularmente enriquecedor, direcionou relatos sobre o processo de produção e suas motivações para a realização dos filmes. O engajamento estudantil foi fundamental para a elaboração e organização do projeto, assim como o apoio do corpo docente no fomento aos debates e na viabilidade do projeto enquanto ação de extensão. Esses fatores são de vital importância para uma possível continuidade do projeto. O êxito do projeto também se deve aos espectadores e participantes que promoveram o fomento às discussões, fortalecendo a proposta ao indicar conexões com temáticas de pesquisas e outros eventos do Departamento de Arquitetura.

Nas opiniões do público, concedidas através do questionário, com relação aos filmes se destacaram comentários relativos à boa curadoria dos filmes, trazendo obras sempre com temáticas relacionadas ao urbano, com depoimentos de pessoas que vivem em contextos até então desconhecidos por boa parte do público, ou mesmo, abordando temas geralmente vistos de forma mais pragmática dentro do academia. Foram ressaltados também aspectos quanto à qualidade estética dos filmes e a sensibilidade dos produtores ao retratar os temas, como apontam os comentários de um professor e de uma estudante do curso:

A observação de realidades urbanas através de uma construção de imagens preocupada com a estética e a poética promove uma discussão complementar às discussões acadêmicas do dia-a-dia do curso de arquitetura e urbanismo.

A abordagem dos temas, de forma muito sensível. Normalmente temos contato com esses temas de forma pragmática e abstrata, os curtas fizeram o caminho oposto, de forma positiva.

Observa-se a relevância das discussões, como uma oportunidade de reflexão e de busca por soluções às problemáticas retratadas, especialmente a respeito das pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade social que lutam por condições dignas de moradia e em situação de rua. Com isso, foi elogiada a participação dos convidados - produtores e pesquisadores dos temas abordados, os quais atuaram como estimuladores do debate multidisciplinar, proporcionando um diálogo aberto entre indivíduos de diversas áreas de atuação e por pessoas fora do círculo acadêmico, como apontam alguns comentários:

O ponto de maior destaque foi a presença de sujeitos retratados nos filmes e/ou dos responsáveis pela sua produção. Estas presenças ofereceram caminhos para a discussão que não estariam presentes em outros contextos de exibição e discussão dos vídeos.

Sempre traziam convidados de grande importância para agregar ao debate (tanto com relação à produção do material exibido, quanto profissionais de alguma forma relacionados com as temáticas em discussão).

Então, abordando de forma mais geral a contribuição da proposta dos eventos, foram apresentadas opiniões bastante positivas, evidenciando que foram momentos que abriram a oportunidade de enxergar perspectivas

diferentes sobre temas debatidos de forma mais pragmática no meio acadêmico, ressaltando a sua importância como ferramenta de democratização do ensino, como relatado pelos participantes:

Além de oferecer o recurso audiovisual como elemento de apreciação e fixação de temas, os filmes exibidos prezaram por apresentar perspectivas centradas nos sujeitos e nos discursos que emanam destes, estimulando o exercício da alteridade, e através deste, a reflexão e discussão.

Abrir um espaço de exibição de filmes potiguares e debates colaborou com uma aproximação a realidades invisíveis. O evento foi o momento de integração, de aproximação, colocando os participantes para refletir sobre questões que acontecem diariamente e, por vezes, passam despercebidas.

Antes de tudo, particularmente, com respeito ao evento Curtas Urbanos, a seleção de filmes oferece ao público a oportunidade de refletir sobre questões e valores da cidade, o que não é sempre acessível. Os debates, que envolvem professores, estudantes, produtores culturais e pessoas com diferentes competências e experiências, convertem-se em espaços para desenvolvimento cognitivo e de sensibilização sobre problemas importantes da nossa sociedade e das nossas cidades. A programação das sessões tem o potencial de mobilizar os espectadores para as causas sociais mais urgentes.

Portanto, através de entrevistas, conversas informais e comentários adicionais no questionário foi possível notar que o público manifestou muita satisfação com a proposta dos eventos, demonstrando também uma expectativa pela continuação do projeto. Observou-se que houve tanto correlações quanto repercussões notáveis em pesquisas ou trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico. Os eventos desencadearam uma série de desdobramentos positivos, como a aproximação de realizadores e dos convidados externos com professores e estudantes, estimulando o interesse de promover a exibição dos curtas em outros contextos a fim de realizar discussões em sala de aula ou em outros eventos. Também fortaleceram pesquisas em desenvolvimento e abriu a oportunidade de discutir sobre trabalhos já realizados na universidade.

Ademais, observou-se que para um bom alcance de público é essencial atentar ao calendário acadêmico, a fim de evitar datas próximas às avaliações, principalmente no fim do semestre, favorecendo a presença dos estudantes. Notou-se que a integração de equipes (como no caso do evento de exibição do curta Catarro que integrou-se à equipe do Vozes da Cidade) impulsiona o sucesso dos eventos, com maior público e presença de atores importantes, como a presença de representantes de movimentos articulados (como o MNPR) e de agentes públicos capazes de tomar medidas efetivas a respeito das problemáticas apontadas (a exemplo da promotora do Ministério Público do RN, Danielle Veras). Ainda assim, as sessões que alcançaram um menor número de pessoas possibilitaram uma atmosfera intimista com debates proveitosos entre os presentes.

Por fim, algumas perspectivas de continuação do projeto têm em vista a sua expansão, dentro da universidade ou fora dela, buscando formar parcerias com realizadores audiovisuais, produtores culturais e demais interessados. Uma das possibilidades seria a realização de exposições em espaços abertos na cidade, estimulando a participação comunitária e ocupando espaços de relevância patrimonial e cultural. Outro incremento seria a transformação do projeto em não apenas uma janela de exibição, mas também de produção de “curtas urbanos”, estimulando pessoas interessadas na integração de equipes para a realização de curtas-metragens que evoquem reflexões sobre temas importantes a serem discutidos na cidade. Tal iniciativa poderia ser proporcionada através de ações de formação com oficinas e práticas de roteiro, captura e edição, estimulando a troca de saberes, articulando a contribuição de professores, estudiosos, realizadores audiovisuais e pessoas interessadas em participar.

4 REFERÊNCIAS

ABRAÇO de maré. Direção de Victor Ciríaco. Natal: Ponte Audiovisual, 2013. (16 min), son., p&b.

ARIALDO Pinho: Uma trajetória des-viável. Direção de Fred Luna. Natal: Bembe Filmes, 2018. (18min), son., color.

BITTENCOURT, S. Caboco: vocês me escutam, eu me escuto. Trabalho de Conclusão de Curso - Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. CCHLA-UFRN, 2016.

BRASIL. SDH/PR. Direito à moradia adequada: Por uma cultura de direitos humanos. Brasília: [s. N.], 2013. P. 14. Disponível em: <<http://www.mdh.gov.br/biblioteca/promocao-e-defesa/por-uma-cultura-de-direitos-humanos-2013-direito-a-moradia-adequada/view>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

CABOCO. Direção de Stephanie Bittencourt. Natal: Coletivo Mandinga Audiovisual, 2016. (17 min), son., color.

CATARRO. Direção de Paulo Dumaresq. Natal: Du'mar Cinematográfica, 2018. (11min), son., p&b/color.

CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

DIÓGENES, M. C. F. *Reassentamentos de famílias em projetos de habitação social: avaliação de procedimentos e resultados do projeto Planalto II, Natal /RN*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2014.

EXISTE Vida na Moema. Direção de Jaya Lupe. Natal, 2018. (10min), son., color.

ENTRE Muros: vida escondida na Comunidade do Jacó. Direção de Marcello Uchoa. Natal, 2018. Son, color.

GUIMARÃES, M. C. R. *Movimentos sociais e organização popular em Natal-RN: enquanto morar for privilégio*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-graduação em Serviço Social. Natal, RN, 2013.

GUSMÃO, M. S. O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura Salvador, BA. 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14469.pdf>> Acesso em: 04 de março de 2018.

(IN)SUSTENTÁVEL. Direção de Júlio Castro e Vlamir Cruz. Natal: Mudernage Combo, 2018. (12min), son., color.

JACQUES, P. B. Resenha: Quando o cinema vira urbanismo. *Revista Vitruvius*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/10.116/3994>. Acesso em: 05.nov.2018.

LANA, S. M. *O arquiteto e o processo de projeto participativo: o caso RSV*. Dissertação de mestrado, UFMG, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, MG, 2007.

LEMONS, C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Debates, Coleção Primeiros Passos, 1981.

LENINGRADO linha 41. Direção de Dênia Cruz. Natal: CASU Filmes, 2017. (20min), son., color.

MARICATO, E. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NICHOLS, B. Introdução ao documentário (2001). Tradução de Mônica Saddy Martins. - Campinas, SP: Papyrus, 2005.

OLIVIERI, S. L. L. *Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade*. Dissertação de mestrado, UFBA-PPGAU, Salvador, BA, 2007.

PRÉDIOS Abandonados - Beury & Divine. Direção de Jaya Lupe. Filadélfia, 2015. (5min), son., color.

SILVA, B. D.; ALMEIDA, L. S. *Questionar os pressupostos da utilização do audiovisual no ensino: audiovisual / rendimento da aprendizagem / democratização do ensino*. ed. lit. – “Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, 6, Braga, 2001: actas”. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2001.

ROCHA, A. M.; SOUZA, T. B. *A Arquitetura e a imagem em movimento*. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 21, p. 128-147, 1 jun. 2007.

TRIBUNA DO NORTE. O amor na maré. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/o-amor-na-mare/268288>>. Acesso em: 20.nov.2018.

TAVARES, F. A. L. *Uma trajetória des-viável: o percurso profissional de Aivaldo Pinto entre Natal e Fortaleza*. Tese de doutorado, UFRN-PPGAU, Natal, RN, 2017.

VILLAÇA, F. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

NOTA DO EDITOR (*) O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).